

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

N.º 140.)

Publicado pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

## Nos nossos Leitores.

**N**EGAR o progresso intellectual no seculo anterior e no presente seria tão disparatada porfia como a d'um cego, que combatesse a existencia e os effeitos da luz. O aperfeiçoamento das sciencias, com a invenção de novos instrumentos e de novas substancias, e com applicações numerosas a todos os usos da vida, dilatou a esphera da intelligencia humana, e propagou a ambição de saber, caracter distinctivo da geração actual. Por outra parte a descoberta de muitos thesouros litterarios da antiguidade, sumidos por largos tempos no pó do esquecimento, veio ministrar auxilios ao espirito inventivo da nossa epocha.

Assim como as repetidas navegações nos tem gradualmente revelado porções do globo, incognitas d'antes, e hoje a terra abrange maior numero d'habitantes do que os antigos lhe calculavam; assim não ha um só dos conhecimentos humanos que não tenha conquistado vastidão de doutrinas e copia de principios positivos e verdadeiros, e adquirido maior numero de cultores e alumnos. Este vigor da intelligencia, este adiantamento das sciencias diffundiuse e communicou-se como a centelha electrica; estamos n'um tempo de grandissima actividade d'espirito, e de um ardor de saber, que vai calando por todas as classes da sociedade. Daqui procede a popularidade de muitos e diversos ramos do saber humano, que já não podem ser o apanagio de poucos individuos privilegiados, que já não são os mysterios de Platão precedidos de longa e penosa iniciação: as sciencias e as letras são um jardim aberto, onde qualquer pôde entrar e colher fructos e flores a seu bel prazer, bastando-lhe para tanto sómente desejos, vocação, e intenção deliberada. Se em tempos remotos as qualidades physicas, as meramente corporeas influíam na valia de um homem; hoje esta se mede pelos dotes da alma, pelos grãos da intelligencia, da erudição, do saber: todos sentem a necessidade da instrucção, todos procuram instruir-se; e por esta unica circumstancia se explicam as numerosas associações litterarias que se organisam, as aulas e bibliothecas que se abrem, a prodigiosa quantidade de livros que se publicam, e mais que tudo os innumeraveis jornaes litterarios e d'instrucção popular que circulam pelo mundo em tão variados idiomas, e sobre tantos e tão diversos assumptos.

Como poderia pois, neste movimento geral europeu, a nação portugueza permanecer immovel e indifferente? . . . A nação portugueza que, no seculo glorioso de Pedro Nunes e seus coevos, assombrou com tantos homens illustres e raros talentos as outras nações da Europa, e que, apesar de lhe terem dito pela imprensa que do decimo quinto seculo só *lhe ficaram as superstições*, pôde, sem responder com as glorias daquella epocha, desmentir o insulto com provas incontestaveis. Pôde, por exemplo, citando os nomes e as obras de insignes e bem conhecidos mathematicos e naturalistas, e de distinctos philologos, meteoros brilhantes com que luziamos por vezes no céu das sciencias e da litteratura, rebater victoriosamente as injurias com que nos brinda a má

fé ou a ignorancia. É alheio do nosso fim estender aqui um rol de nomes celebres; mas esses nomes ei-los ahí estão escriptos com distincção por todas as academias da Europa, que franquearam as portas aos nossos sabios. Se os talentos fossem sujeitos a calculos arithmeticos, talvez que na proporção da população não achassem a nossa patria tão escassa de homens illustres alguns que sem exame o affirmam. Mal entendidos fins politicos, rispida censura, emfim erros lastimosos foram causa de que os portuguezes, que outrora deram exemplos a todos os povos, não medrassem tanto na carreira litteraria, como de suas naturaes propensões era de presumir; mas veja-se bem como, removida a origem do mal, a nação generosa emprega seus esforços e os recursos de que pôde dispor para um dia dizer á Europa: — "Acatai de novo os portuguezes; consultai os nossos sabios; lêde e copiai os nossos escriptos." — Embora os animos apoucados motejem de algumas tentativas, porque nem todas serão fertes e cabaes: já é muito emprehende-las: o tempo trará consigo o necessario melhoramento. Os nossos compatriotas desenvolvem a sua aptidão intellectual; o gosto e o habito de ler enraiza-se no povo; e assim com fundamento esperamos que entre nós se derramem os fructos da leitura, deste entretenimento proficuo, que enche o vazio que deixam os máus habitos, e que expellindo o mau pensamento, dá origem ao bom; fallamos da leitura das obras que o povo deve ler, daquellas que enriquecem o espirito com uteis noções, imprimem no coração as doutrinas puras da moral, e habilitam para o tracto do mundo e conversação quotidiana, mediante noticias interessantes e curiosas.

Publicam-se já em o nosso paiz com applauso merecido jornaes especiaes dedicados ás sciencias; cresce progressivamente o numero das obras periodicas, destinadas á leitura do maximo numero de pessoas. Se o povo não lia, era porque lhe não facilitavam os meios de ler. Sem contarmos volumosas e insipidas novellas, farças immorales, e satiras indecentes, e outras futilidades e inepecias, com que gemiam os prelos, o que avultava um ou outro livro, que, ou pelo seu preço, ou pela sua especialidade, ou pelo seu estylo e disposição, sobrepujava os meios ou a comprehensão do maior numero dos leitores? . . . Mas o povo portuguez hoje tambem gosta de instruir-se, e lê: porque os escriptos populares se imprimem e vendem por preços commodos, e portanto se diffundem. A Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis tendo, para desempenhar as obrigações do seu instituto, proseguido ha quasi tres annos na publicação do *Panorama*, e tendo visto o acolhimento com que o publico o recebe, devia, em obsequio da verdade e da honra nacional, fazer esta declaração, para salvar a nação dos odiosos epithetos d'indolente e despresadora de toda a instrucção; e a Sociedade sente prazer intimo em fazer esta justa justiça aos seus concidadãos. Se alguns escriptores, pouco exactos ou mal informados, não tivessem

vontade de nos carregar d'opprobrios, veriam a ancia com que se extrahê essa inundação de livros francezes, que annualmente alaga Portugal, ainda que esses não chegam ás classes a quem só o idioma patrio é conhecido.

A Sociedade pois que possui a certeza de que o seu jornal é lido, e a consciencia de que delle resulta proveito, vai encetar o 4.º anno desta publicação: e convencida igualmente de que a alliança do desenho e do texto, que ao mesmo tempo falla aos olhos e ao pensamento, é um forte incentivo para promover a leitura, não poupará diligencias para

adornar o jornal com escolhidas gravuras, muitas das quaes representarão assumptos portuguezes; e esmerar-se-ha em todos os ramos d'um bom desempenho typographico. No quadro da redacção terão a preferencia os artigos sobre pontos da historia, corographia, e antiguidades nacionaes, intercalando-os com as noticias e informações que se reputarem uteis, novas, e interessantes.

A Sociedade, cumprindo suas promessas, experimentará mui viva satisfação em corresponder aos conselhos dos eruditos, e aos desejos dos leitores.

## Lisboa.

1.º

Vereis um mundo n'uma só cidade  
A quem de prata e d'ouro o Tejo ufano  
Banha em signal d'eterna magestade.

G. P. DE CASTRO. *Uliss. C. X. Est. 137.*

A populosa cidade, que habitámos, e que desde eras remotas entrou na cathogoria das primeiras cidades do universo, merece por certo que os seus naturaes e moradores se esmerem em a louvar e engrandecer, porque não digam estranhos que desmazelados em nossas cousas não conhecemos nem avaliamos as riquezas proprias, exaltando só as alheias. E com effeito qual é a capital da Europa, onde concorrem tantas excellencias de uma situação vantajosa como na capital do nosso reino? A vastidão e bondade do melhor porto do mundo, não só seguro mas até magnifico; o espectáculo grandioso de uma cidade, de forma quasi semi-circular, de duas leguas de extensão, espreada desigualmente com sua povoação compacta por elevadas collinas e fundos valles, quadro vistoso que ainda mais realçam as innumeraveis hortas e jardins vecejantes a que a benignidade do clima veste de continua formosura; o aspecto da margem meridional do caudoloso Tejo salpicada de povoações; as soberbas quintas e aprasiveis passeios dos arrabaldes com suas casas campestres e de recreio; a vista de serranias longinquoas; a abundancia e a barateza dos generos necessarios á vida, sobresahindo os productos do paiz, que as nações septentrionaes nos invejam; e a copia e bondade do pescado fresco, que nas opulentas côrtes europeas escacêa; o ceu puro, crystallino, e sereno na maior parte do anno influido saude e fertilidade: são notaveis circumstancias, de que Lisboa se ufana, e que difficilmente o geographo buscará reunidas percorrendo com a vista e a imaginação o mappa da terra. Graves escriptores denominaram á nossa capital a *rainha do oceano*, e não sem razão, porque a sua natural posição parece destina-la para emporio universal do commercio dos dois hemispherios, de que já dispoz em epochas mais venturosas. A data da sua fundação perde-se [porque nem este attributo historico lhe falte] nas trevas de remotissima antiguidade; pelo que alguns com fracos fundamentos attribuem a sua origem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé, outros a Liso ou Luso, companheiro de Baccho, donde querem derivar o nome de Lusitania, pelo qual a nossa terra foi conhecida dos romanos. Muitos tambem levados pela analogia ou pareença do nome antigo Olisipo lhe assignaram por fundador o grego Ulisses, opinião que os poetas abraçaram por mais ligada com as ficções de Homero, e mais fertil para os entrecchos e enfeito de suas composições, todavia as bases em que se estriba são tão incertas como as das antecedentes;

porque se indagar-mos pelos livros dos nossos mais eruditos antiquarios acharemos que escrever *Ulissipo*, *Ulyssæa*, *Lisibo*, *Elisea*, *Olyssæa*, *Olyssipo*, e infinidade de alcunhas com que baptizaram a cidade, foi corruptela introduzida pelo lapso dos tempos, escurada nos textos de Strabão, e outros auctores, que ou não tiveram perfeito conhecimento do nome verdadeiro, ou lhes foram adulterados posteriormente os escriptos: por quanto não valem suas auctoridades contra o testemunho dos monumentos. Luiz Marinho de Azevedo, na obra *Fundação, Antiguidades, e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa* L.º 2.º cap. 11 diz o seguinte. — «O mais vulgar entre os escriptores, que fallam em Lisboa, é chamar-lhe *Olisipo* com sete letras simples, que foram as de que usou Resende em todos os logares do que deixou escripto, fazendo esta advertencia nas annotações do seu *Vincentio*, seguindo nisto aos romanos, cujas inscrições se acham em algumas pedras, que referiremos neste livro, com as mesmas sete letras, que são documentos mais certos que os livros de Plinio, Mela, Solino, e outros geographos; cujas impressões modernas estão mui depravadas e corruptas, o que não se achava nas antigas de 150, 120 e 100 annos, em que o nome *Olisipo* estava escripto como nos marmores antigos, e este erro das impressões fez tropeçar a infinitos escriptores, que as seguem, escrevendo a *Olisipo* de diferentes modos, uns com *y* grego, outros com dois *ss*, outros com *pp*, &c.» Damião de Goes na *Descripção de Lisboa* em latim, seguindo tambem a Resende, diz o mesmo. E no cap. 7.º das *Varias antiguidades de Portugal* de Gaspar Estação, depois de varias observações, lê-se que — «o nome de Lisboa e a orthographia delle em tempo dos romanos era *Olisipo* porque assim o tem os marmores antigos, com que concordam alguns livros, e outros discordam muito pouco por corrupção.» — Christovão Rodrigues de Oliveira no *Summario de algumas cousas ecclesiasticas e seculares da cidade de Lisboa*, que redigiu em tempo d'elrei D. João 3.º, é inteiramente da mesma opinião. Das inscrições, a que estes auctores alludem, Marinho traz uma que no seu tempo se lia perfeitamente encravada na parede d'umas casas, que estavam indo do *terceiro dos Martines* para as *Pedras Negras*, defronte da travessa, que já da *Fancaria*, e outra que tambem se lê no cap. 13.º do L.º 5.º da *Monarchia Lusitana*, a respeito da qual diz: *dura hoje, gastas algumas letras, na esquina do Beco do Bogio, abaixo da igre-*

ja de S. Martinho. Fr. Bernardo de Brito no citado L.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> da *Monarchia*, cap. 16, transcreve uma inscripção que existia legível no tempo deste chronista na muralha d'um baluarte junto ao chafariz d'elrei, mas que Marinho já não pôde decifrar por extremamente sumida. Emfim, por não apontar mais que desapareceram, lembraremos a lapida que em 1749 se desenterrou dos alicerces d'umas casas fronteiras á esquerda do templo e freguezia da Magdalena, no principio da travessa que vai para as Pedras Negras, em cuja parede da banda do nascente se conserva com esta inscripção:—

L. CAECILIO. L. F. CELERI. RECT.<sup>o</sup>  
QUAEST. PROVINC. BAET.  
TRIB. PLEB. PRAETORI  
FEL. JUL. OLISIPO.

O sentido desta inscripção é que: a cidade, chamada então *Felicidade Julia*, e n'outro tempo *Olisipo*, consagrara este padrão a *Lucio Cecilio*, filho de *Lucio Celer*, rectissimo *Quæstor da Provincia Bética*, *Tribuna da plebe e Pretor*.

Prova-se portanto que o verdadeiro nome de Lisboa na antiguidade era *Olisipo*: então que fundamento haverá para derivar esta palavra de Ulisses, quando em contrario militam ponderosas razões?.. Em primeiro lugar: as navegações de Ulisses, longe de serem ponto assentado na historia, são mui contestadas, e talvez fabulosas, como Aulo Gellio, Tacito, e outros suspeitaram; Segundo: Herodoto, patriarcha da historia, diz que foram os Focenses os primeiros gregos que se alargaram em suas navegações, e correram as costas d'Iberia e chegaram a Tarteso, que era na Andalusia. Ora isto foi quasi seis seculos depois da queda de Troia. Vejamos o que a este respeito escreveu La Martinière no seu grande *Diccionario geographico*—«A tradição affirma que Ulisses, depois da destruição de Troia, viera a estes districtos e que lançára os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando *Ulyssipone* ou *Ulyssipo* ou mesmo *Olyssipo*: mas pode ser que a pareença dos nomes occasionasse esta opinião. Com effeito, alem de ser *difficil provar que Ulisses sahira do Mediterraneo*, o verdadeiro nome da cidade não era nenhum daquelles, mas sim *Olisipo*, como se vê da seguinte inscripção, achada em Lisboa. &c.»—La Martinière copia então a que se achára junto ao chafariz d'elrei. O celebre philologo Christovão Cellario trata formalmente de peta o que se disse ácerca da fundação de Ulysses: *nuxa sunt que de Ulyssis conditore adferuntur*.

(Continuar-se-ha.)

#### EXTRACTO D'UM SERMÃO DO P.<sup>o</sup> VIEIRA.

MISERAVEL foi Jerusalem, e sobre toda a miseria miseravel quando Deus a lançou de si e a deixou. E não é menor, nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores aís, a miseria de qualquer alma, quando Deus se aparta della, e quando verdadeiramente se pôde chamar alma deixada de Deus. Que succede ao corpo quando delle se aparta a alma?—tem olhos, e não vê; tem ouvidos, e não ouve; tem lingua, e não falla; tem pés, e não anda; tem mãos, e não obra; tem coração, e não vive;—isso mesmo é o que acontece ao homem de quem se aparta Deus, que é a alma da nossa alma. Cego para não ver o que lhe convem; surdo para não ouvir os dictames da verdade; mudo para não confessar seus peccados; paralitico e tolhido de mãos

e pés para não fazer acção, nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, dentro e fóra de si todo e em tudo perdido. Considerai-me um homem sem siso de razão, e um christão sem lume de fé, e tal é o que Deus deixou, e lançou de si: cavallo no precipício sem freio; navio na tempestade sem leme; enfermo na doença mortal sem medico. Em quanto a mão de Deus o deteve não cahiu; em quanto as suas inspirações o guiaram não se afogou; em quanto os seus auxilios o soccorreram não morreu; mas logo o vereis precipitado, afogado, e morto sem remedio, porque Deus abriu mão delle e o deixou.

Oh quantos deixados de Deus enchem hoje o mundo! e quão cegos são elles se não se veem, e nós tambem se os não conhecemos? Quem é aquelle poderoso, que de dia e de noite não cuida, nem imagina senão como ha-de faltar a cubiça, inventando novas traças de adquirir e roubar o alheio sem escrupulo, nem pensamento de o restituir? E quem é aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever, e insaciavel no gastar, sem conta, sem peso, sem medida, como se a culpa de não pagar, devendo, não fóra estar sempre roubando, e assim vive, porque assim ha de morrer?—E um deixado de Deus. Quem é aquelle soberbo, que por faltar sua ambição, reconhecendo em si a falta que tem de merecimento, não repara em derrubar por meios calumniosos e traidores os que quer fazer degraus para elle subir? E quem é aquelle que com subornos, com alações, com hypocrisias e enganos, apesar da natureza, da fortuna, da justiça, e da opinião, chega a conseguir e ser o que ellas lhe negaram, e não teme que ha de pagar na outra vida o que nesta não hão de lograr seus descendentes?—E um deixado de Deus. Quem é aquelle sensual, que por faltar seu appetite, com tanta publicidade nos vicios, como se foram virtudes, sem reverencia de Deus, nem respeito do mundo, pejo de si mesmo, nos annos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a saúde, a honra, e a vida? E quem é aquelle, que não tendo já mais que os ossos que mandar á sepultura, pelos não descarnar de todo, ainda á vista da morte os leva a queimar no mesmo cemiterio, e por dar aquella lenha sécca ao fogo, que se acende e apaga em um momento, não faz caso, como se não tivera fé, de ir arder para sempre no do inferno?—E um deixado de Deus.

#### UM PAPAGAIO CELEBRE.

Todos sabem que João Locke foi um philosopho profundo e mui grave escriptor: trazemos porem isto á memoria para que se não julgue descarada mentira a anecdota extraordinaria que vamos trasladar do *Ensaio sobre o entendimento humano*, a mais notavel obra daquelle auctor.

O principe Mauricio, governando o Brasil quando os holandezes o tinham invadido, ouviu fallar tanto d'um papagaio que havia no sertão, que instou por que lh'o trouxessem á sua residencia. Assim que a ave entrou na sala, onde o principe estava com seus officiaes, gritou logo em lingua portugueza: *Que gente branca está aqui?* Um hollandez, que sabia portuguez, perguntou-lhe, apontando para o principe: *Que homem é aquelle?* e o papagaio respondeu: *Algum general*. Mauricio chegou-se para elle, e disse ao interprete que lhe interrogasse donde vinha: *Do Maranhão*: respondeu a ave. Continuou a conversa com as seguintes questões. *Quem*

*é teu amo? — Um portuguez. — Que fazes em casa de teu amo? — Cuidar nos pintos.* Pasmavam todos com respostas tão promptas: mas á ultima foi geral a gargalhada: o papagaio porem, como se a percebesse, retrucou logo: *Sim, senhor, sei cuidar nos pintos; e poz-se a cacarejar como a galinha que chama os fillos.*

A pessoa que referiu este dialogo a Locke affirmou que o ouvira da boca do proprio principe Mauricio, que observou que ainda que elle não entendia portuguez, contudo estavam presentes muitos hol-

landezes que o sabiam, e brasileiros que sabiam hollandez: e, interrogados particularmente, concordaram todos nas respostas. Os nossos leitores cream o que quizerem; mas nós estamos capacitados de que o tal papagaio teria ouvido frequentes vezes as mesmas perguntas, sendo ensinado a dar aquellas respostas, e a imitar o cacarejo das galinhas, que lhe foi facil contrafazer; ou que o dono o emestrazia previamente para o appresentar ante o principe. Contudo o animal sempre era extraordinario.



**MATTA DE SOBREIROS NOS ARREDORES DE MOURA.**

O **SOBREIRO** é uma das arvores magestosas do nosso paiz; com seus corpulentos e dilatados troncos, e basta folhagem, presta agradável sombra e abrigo aos viajantes: não é porem uma arvore esteril e de mero luxo em jardins e tapadas de opulentos: é uma arvore florestal, para utilidade publica, e que produz cortiça, lande, madeira para obras de torno, lenha, e muito bom carvão. Em nenhuma das nossas provincias ha tanta copia de sobreiros, como na provincia do Alemtejo, em nenhuma convem tanto a sua propagação. N'uma dessas mattas desenhou um curioso a scena que representa a nossa gravura. Era nas visinhanças de Moura; um corpo de tropas da nossa Augusta Rainha, passando a continuar a campanha no Alemtejo, fez alto para descansar n'um denso sobreiral, onde as arvores annas com suas copas faziam docéis de verdura, e a cada uma destas sombras repousavam das fadigas da marcha dez ou doze soldados. Interessante seria o espectáculo do apparatus da guerra, cercado pela magestade da natureza, A distancia de poucas mi-

lhas ficava a acastellada villa de Moura de que passámos a tratar, ainda que summariamente.

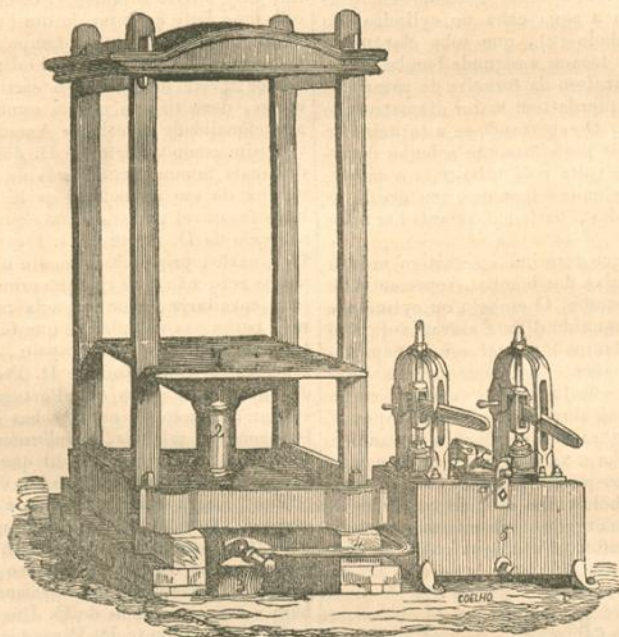
Querem alguns que Moura fosse fundada sobre as ruinas da antiga *Auracitana*: seja porem como for, o nome da villa indica origem posterior a gregos, romanos, e godos. — Conta-se que em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques, sendo possuidora desta povoação e seu castello uma dama arabe, chamada Saluquia, filha de Buaçon, senhor de varias terras d'Alemtejo, tratára esta de se casar com um mouro chamado Brafama, alcaide do castello d'Aroche, dez leguas distante de Moura; o qual vindo celebrar as nupcias foi accomettido no transito por dois fidalgos, Alvaro e Pero Rodrigues, ascendentes da nobre familia dos Mouras, que o mataram n'um valle, a uma legua da villa, que em memoria do caso se chamava *Brafama*, ainda no tempo do P.<sup>o</sup> Carvalho, isto é no principio do seculo passado. Diz mais a tradição que os fidalgos com sua gente se disfarçaram em trajos mouriscos e caminharam, fingindo comitiva de bodas, para a fortaleza onde

a moura esperava o noivo, a uma janella que deitava para o campo, mas assim que ao entrarem os hospedes no castello se descubriu o engano, precipitou-se d'uma torre abaixo para não cahir captiva. Daqui vem ter a villa por armas uma mulher ao pé d'uma torre, em allusão á morte de Saluquia; e com este brasão d'armas combina o letreiro d'uma sepultura, que está na igreja do castello, e que declara jazarem alli sepultados os cavalleiros, que tomaram esta terra aos mouros.

A villa é praça forte; e elrei D. Diniz em 1295 lhe concedeu os mesmos fóros da cidade d'Evora, e mandou construir o moderno castello torreado. Gozou de voto em cortes com assento no banco quinto. Tem duas igrejas parochiaes, S. João Baptista, e St.º Agostinho, que eram da ordem d'Aviz; casa

da Misericordia com hospital; um convento de freiras de St.ª Clara, e outro de dominicanas, da invocação de N. S. d'Assumpção, sito dentro dos limites do castello, e fundado em 1562 por D. Angela de Moura, da familia antiga dos Mouras já citados, no local das casas em que nascêra. Tinha tres conventos de frades; o que pertencia ao *Carmo calçado* era o mais antigo desta ordem em Portugal.

Foi senhor de Moura o infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manuel. O territorio desta villa abunda em pão, azeite, gados, caça, montados e colméas, e recolhe algum vinho. Pertencia á comarca de Beja; e segundo a moderna divisão estatistica faz parte do districto administrativo de Beja, e calcula-se a sua população em 3:630 almas, e a de todo o concelho em 9:261 habitantes.



PRESNA HYDRAULICA.

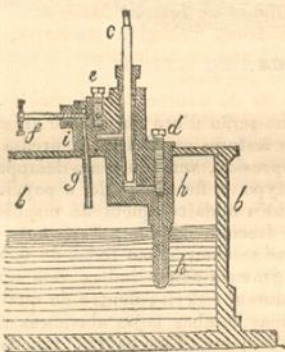
A PRESNA hydraulica, que tantos serviços presta hoje a diversos ramos da industria, deve as suas apreciaveis vantagens á pressão poderosa que exercita mediante um esforço proporcionalmente mui pouco consideravel. Esta engenhosa machina fundase n'uma lei da natureza, segundo a qual a *pressão se transmite atravez de todos os fluidos*: lei descuberta por Pascal, e que um artista inglez chamado Brahma, aproveitando a compressibilidade da agua, applicou tão vantajosamente á industria.

A Sociedade que publica este Jornal, convencida da razão com que o Novo manual de typographia diz que *a asselinação das obras impressas é hoje uma operação, por assim dizer, forçada na maior parte das officinas*, e sabendo que o melhor meio de conseguir este aperfeiçoamento, que aformosêa os livros estrangeiros, é pela acção da prensa hydraulica, não hesitou em adquirir para o seu estabelecimento typographico esta machina, como já consta ao publico pelos annuncios que a Sociedade fez distribuir. Pelo presente N.º do Panorama e pelos se-

guintes, que serão d'ora em diante assetinados, conhecerão os leitores os efeitos da prensa hydraulica sobre os impressos, vendo o como desaparece a cravagem do typo e fica lustrado o papel. Mas para que façam idéa mais completa da machina, apresentámos o desenho da que a Sociedade possui. As peças de que se compõe são todas de ferro coado: o n.º (5) na gravura acima indica uma caixa, que os inglezes chamam *cistern*, dentro da qual trabalha o jogo das duas bombas cujas alavancas são movidas por força d'homens. Esta caixa, tapada por cima, está cheia d'agua limpa, e tem exactamente no meio entre as duas bombas uma peça de metal, donde está parafusado o tubo de ferro (4) que vai entrar no grande cylindro ôco (3) que está perpendicularmente collocado n'uma excavação feita no pavimento, e apoiado nas peças de pau que assentam em dois maçames lateraes. O tubo aspira a agua da caixa quando se tocam as bombas, e a conduz ao grande cylindro (3), que é a maior e mais pesada peça da machina; no lugar onde o tubo entra no cylindro

está a *torneira de parar*, [stop-cock] que se aperta mediante um parafuso quando a prensa está carregada e se tem dado a conveniente pressão. A meza de ferro (1) assenta sobre o embolo ou cylindro macisso (2) que entra verticalmente no cylindro ôco (3); na meza e na peça superior da machina estão encaixilhadas quatro barras de ferro, uma em cada angulo: o espaço entre aquellas duas peças é o destinado para collocar as folhas impressas, separadas uma a uma por cartões impermeaveis á humidade, e da consistencia e apparencia de oleado; entre cada 50 ou 60 folhas põe-se uma chapa de ferro das mesmas dimensões dos cartões: postas n'aquelle vão as 3000 folhas que entram d'uma vez, procede-se a apertar, para o que não bastam dois homens. Primeiro desaperta-se a *torneira de parar*, e aperta-se um parafuso que tem a peça de metal, que está entre as bombas, da parte opposta á extremidade do tubo que communica com a caixa. Tocando-se a bomba do lado esquerdo a agua cahe no cylindro ôco e faz levantar o embolo (2), que sobe elevando a meza; depois do que toca-se a segunda bomba e acaba-se apertando o parafuso da torneira de parar (3). O tubo da bomba esquerda tem maior diametro que o da segunda bomba. Desapertando-se a torneira do cylindro ôco, ouve-se perfeitamente a bulha do esguichar da agua que volta pelo tubo para a caixa, e o embolo desce gradualmente com o seu pezo. As folhas estão assetinadas, bastando poucas horas de pressão.

A estampa com que termina este artigo mostra o côrte vertical da caixa das bombas, representando o aparelho de uma bomba. O embolo ou cylindro *c* é na parte superior munido d'uma alavanca (como se vê na primeira estampa) a qual um homem pôde mover: quando baixa e por consequencia o cylindro *c* se levanta, effectua-se um vacuo no corpo da bomba, a valvula *h* abre-se, e o tubo *k* aspira a agua na caixa *bb*; agora abaixando-se a alavanca a agua comprimida fecha a valvula *h*, levanta a valvula *i* e vai pelo tubo para o grande cylindro ôco, fazendo erguer o embolo como se disse tratando da primeira estampa. Querendo-se descarregar a prensa da-se volta ao parafuso *f* e a agua entra na caixa pelo tubo *g*.



NOVELLAS DE CAVALLARIA PORTUGUEZAS,

(Veja-se a pag. 139 do 2.<sup>o</sup> vol.).

NOVELLAS DO SEculo 15.<sup>o</sup>

III.

QUANDO escrevemos os dois primeiros artigos ácerca das novellas de cavallaria portuguezas, era nossa in-

tenção continuar sem demora a publicação do breve resumo, que encetámos desta parte da nossa historia litteraria, por ser aquella sobre a qual menos se tem escripto. Mas por isso mesmo era necessario fazer maiores indagações, que outros trabalhos nos não permitiam. Abrimos pois mão do intento, que hoje continuamos a pôr por obra: não porque julgamos sufficiente o que temos colligido, desde então para cá, sobre a materia; mas porque mais valem poucas noticias, que absolutamente nenhuma.

Antes que passemos adiante cumpre-nos accrescentar aqui alguma cousa ácerca do Amadis, de que largamente fallámos nos artigos já publicados, e vem a ser um testemunho que corta por uma vez a questão da sua originalidade. Este testemunho é o de Gomes Eannes de Azurara, historiador que os nossos leitores já conhecem (\*), e que diz o seguinte no capitulo 63 da chronica do conde D. Pedro de Menezes — e assy o livro d'Amadis, como quer que sómente este fosse feito a prazer de um homem, que se chamava Vasco Lobeira em tempo d'elrei D. Fernando, sendo toda-las cousas do dito livro fingidas do auctor — este logar de um escriptor, a bem dizer coevo, deve tirar a ultima sombra de duvida sobre a nacionalidade do celebre Amadis de Gaula.

Assim como a côrte de D. João 1.<sup>o</sup> foi a escola dos mais famosos cavalleiros de Portugal, assim a epocha do seu reinado se pôde considerar como a mais favoravel para as letras, que Portugal viu, até o tempo de D. Manuel. D. Duarte, o bom e infeliz D. Duarte, proporcionalmente o mais instruido dos nossos reis, não teve que ir aprender, nem virtudes, nem cavallaria, nem sciencia nas côrtes estrangeiras, porque as virtudes de que foi ornado, e os vastos conhecimentos que possuuiu, adquiriu-os na de seu illustre pae. O infante D. Pedro, principe grande entre os maiores que Portugal tem gerado, se correu o mundo foi para encher de assombro os sabios com sua sciencia, os valorosos com seu valor. O infante D. Henrique ha ahi quem não o conheça? Quem não conheça o fundador da nossa gloria maritima? Certo que não. Nome é esse que nunca esquecerá. E todavia de todos os quatro filhos de D. João 1.<sup>o</sup> [contando o infante D. Fernando] é elle quem occupa o logar mais baixo na escalla das virtudes, e porventura na da sciencia apenas lhe caberá a terceira depois de D. Duarte e D. Pedro.

E ainda o infante D. Fernando, esse pobre cavalleiro da cruz, a quem a nação ousou negar o resgate, preferindo alguns palmos de terra cingidos de muralhas, á liberdade e á vida de um homem leal, que bem a servira, antepondo uma infamia a uma perda, talvez facil de remediar; ainda, dizemos, o bom infante santo, o martyr resignado da patria e da fé, quão amigo e protector foi das letras e dos que as cultivavam! Fernão Lopes e Fr. João Alvares foram feitura sua; e, provavelmente, não nos honrariamos hoje desses dois homens, dos quaes um deu o primeiro impulso á nossa linguagem historica, o outro á nossa linguagem oratoria, se a boa sombra de D. Fernando os não fizesse medrar. Leia-se o testamento que fez quando manchebo partiu para a Africa, e ver-se-ha quantos e quão notaveis livros possuia o infante, n'uma epocha em que, não existindo a typographia, muitas vezes em paizes, então semi-barbaros, como por exemplo a Inglaterra, era necessario empenhar um castello ou um solar inteiro para obter a copia de qualquer livro. E todavia, de todos os quatro irmãos, D. Fernando é o menos conhecido na nossa historia litteraria.

Os vestigios da litteratura portugueza do periodo

(\*) Sobre Gomes Eannes vide a pag. 249 deste vol.

que decorre desde os principios do reinado de D. João 1.<sup>o</sup> até o de D. Affonso 5.<sup>o</sup> são innumeraveis; mas são apenas vestigios. Das artes ahí está a Bata-lha, e ainda, apesar de conegos, S. Maria de Guimaraes, dizendo o que em Portugal foi essa era de toda a casta de glorias, a que, vertendo sangue, se acolhem os corações que por ora não renegaram do nome portuguez, hoje vilipendiado e arrastado por tabernas e monturos d' estrangeiros. Dos monumentos, porém, da nossa velha litteratura apenas restam alguns nomes, e alguns titulos ou fragmentos d' obras, consumidas por incuria propria, e por terremotos e incendios, ou roubadas por castelhanos, francezes, inglezes, e, emfim, por todos aquelles que teem querido tomar o leve trabalho de arrebatar, ou pôr em almoceda as preciosidades dos nossos cartorios, bibliothecas e museus.

Do já citado testamento do infante D. Fernando, do de Diogo Affonso Mangancha, do inventario de Vasco de Sousa, do catalogo da livreria d' elrei D. Duarte, e de muitos outros documentos publicados e ineditos, bem como de varias passagens dos nossos chronistas, e ainda mais dos historiadores monasticos, se vê quão grande era em Portugal o tracto dos livros, n'uma epocha, que por ahí se chama barbara, porque era de grandes virtudes. E não se creia que esses livros eram só latinos; pelo contrario, a maior parte estava escripta nas linguas vulgares da Hespanha, principalmente na portugueza. As obras de Cicero foram traduzidas pelo infante D. Pedro, e por sua ordem o livro do Regimento dos Principes. Só a lista das obras d' elrei D. Duarte espanta pela variedade de materias em que este rei philosopho empregou a sua penna, nada rude. — Marco Paulo já estava traduzido no seu tempo. O livro da corte imperial prova que naquella epocha se tractavam em vulgar as arduas materias de theologia polemica. Levantavam-se cartas topographicas do reino, se é que os *Cadernos das cidades e villas de Portugal*, que existiam na livreria d' elrei D. Duarte, não eram antes uma especie d' estatistica, o que, em nosso entender, mais admiravel fôra. Então, Diogo Affonso Mangancha, Fr. Gil Lobo, os dominicanos Fr. Rodrigo, e Fr. Fernando d' Arrotea, e tantos outros oradores faziam descer do alto dos pulpitos palavras de eloquencia e de unção, que chegavam ao fundo dos corações, como se viu nas exequias de D. João 1.<sup>o</sup>. Estudava-se a philosophia e a historia, de que dão testemunho os livros philosophicos, e historiadores romanos e modernos da mesma livreria d' elrei D. Duarte. Emfim o ensino da jurisprudencia, trazido de Italia por João das Regras, produziu uma multidão de jurisperitos, a quem depois Portugal deveu grande parte da legislação, excellente para aquelle tempo, que se encontra no codigo affonsino.

Que resta de tantos homens e cousas? Esse codi-go, que serviu de base aos que o substituíram. Dos livros que ajuntou D. Duarte apenas sabemos da existencia do intitulado *Côrte Imperial*, e de um fragmento do Regimento de Principes. Tudo o mais quasi com certeza se poderia talvez dizer que, o tempo o consumiu, ou jaz sepultado por bibliothecas estrangeiras, como succede ás obras do mesmo monarcha.

Na sua já citada livreria existiam quatro obras que pelos titulos se vê serem novellas de cavallaria. Eram estas o *Livro de Tristão Merlin*, o *Livro de Galaz*, e o *Livro d' Hannibal*. O referido catalogo, que apenas merece o nome de rol, só declara expressamente ser em portuguez o *Livro d' Hannibal*. In-erível é quasi que o *Amadis* ficasse sem imitadores,

e poder-se-hia conjecturar que alguma das citadas novellas fosse original portugueza. De todas, porém, temos achado rastros nas litteraturas estrangeiras, vindo, portanto, a serem provavelmente todas ellas traducções do normando-saxonio [inglez], ou com mais probabilidade da lingua d' Oil [franceza] ou da lingua d' Oc [provençal].

Para intelligencia desta nossa opinião poremos aqui resumidamente uma idéa geral dos romances ou novellas de cavallaria.

Os que teem escripto ácerca desta materia, e nomeadamente Sismondi, dividem todos os romances em tres classes ou cyclos, conhecidos pelos nomes das primeiras personagens dessas series de novellas, que partindo da historia de cada um daquelles heroes, continuavam pela de seus filhos e netos, alliados, ou inimigos indefinidamente. Estas tres classes são a das novellas de Amadis, a das de Artus, ou Arthur d' Inglaterra, e a das de Carlos-Magno. Todavia parece-nos que esta classificação é imperfeita. Dividiríamos antes essa multidão de romances em cinco cyclos ou classes; a de Artus, a do Sancto-Brial, a de Carlos-Magno, a de Amadis, e a dos romances a que podemos chamar greco-romanos, porque eram as vidas dos heroes antigos, que davam materia ás invenções dos novelleiros. Não esconderemos que a do Sancto-Brial está tão ligada á de Artus, que se confunde com esta; mas logo diremos por que nos parece dever-se della separar.

Os romances de Artus ou da Tavola-redonda são a historia fabulizada do famoso Arthur, ultimo rei d' Inglaterra, da raça dos bretões, e que defendeu valorosamente o seu paiz da invasão dos anglo-saxo-nios. Esta serie de novellas começa no romance de Bruto, composto por micer Gasse em 1155; a ella pertence o romance de Merlin, filho de uma dama bretaã e do diabo, no qual se contam as guerras de Uter e de Pandragon, o nascimento de Artus, e a instituição da Tavola-redonda, isto é, de uma especie de doze pares inglezes, que costumavam comer como *eguaes* em uma *mesa redonda* nos paços d' elrei Artus: a historia de Tristão de Leonis tambem pertence a este cyclo, sendo Tristão um dos cavalleiros da Tavola-redonda; e estes dois romances cremos nós que eram os que existiam traduzidos na livreria de D. Duarte: no mesmo cyclo entram as novellas de Meliot de Logres, Melius de Dinamarca, Micer Galvão, Lancelote do Lago, Vigalois, Vigamor, e Daniel de Valdeflores, e muitas outras que fôra longo enumerar.

Os romances do Sancto-Greal, Gral, ou Graal [que os nossos escriptores chamam erradamente Sancto-Brial] formam um cyclo bastante ligado com o antecedente, mas distincto pelo pensamento que presidiu á sua invenção. O Sancto-Greal (derivado de *Sang-réal*, ou *Sanguis-réalis*) era o vaso ou copa em que Jesu-Christo tinha comido com os seus discipulos na noite da cea, e em que José d' Arimathea tinha, segundo a tradição dos novelleiros, recolhido o sangue derramado pelo Senhor na cruz; vinha assim esta copa imaginaria a ser o mesmo que o *Sancto-Catino* que os genovezes se gabaram de ter trazido da terra sancta. Este precioso vaso estava guardado, segundo os romancistas, em um templo na Hespanha, n'um sitio desconhecido, e só os cavalleiros escolhidos por Deus podiam atinar com elle. Para isto era necessario que se alevantassem á maior alteza, não só de feitos de armas, mas de virtudes moraes. Vê-se, portanto, que o pensamento destes romances era uma allegoria religiosa, um typo do alvo em que devia cada cavalleiro pôr a mira do seu procedimento para merecer tal nome, ou para ser

escolhido de Deus (\*). A este cyclo pertencem o Perceval, Lohengrin, Tituel, e uma parte dos romances da Tavola-redonda, porque muitos dos cavalleiros de Artus trabalharam por conquistar o Sancto-Greal, que, segundo escrevem alguns dos novelheiros desse cyclo, tinha sido levado para Inglaterra. O primeiro e principal romance do Sancto-Greal foi escripto por Christiano de Troyes no 12.º seculo, e existe manuscripto na bibliotheca real de Paris, na sua fórma original, que é em verso.

O cyclo dos romances de Carlos-Magno começa com a chronica fabulosa do arcebispo Turpin, publicada em 1566, por Echart, mas escripta, segundo a opinião mais seguida, no undecimo ou duodecimo seculo. Este livro passou muito tempo por historico, e as fabulas nelle contidas foram inseridas como authenticas nas chronicas de S. Diniz, recopiladas por ordem do celebre abbade Sugerio, nos fins do seculo 12.º (::): mas depois das cruzadas, a obra attribuida a Turpin não serviu mais senão como de elle de uma multidão de novellas relativas aos supostos pares de França, ou paladinos de Carlos-Magno. O romance de Bertha, o de Ogeiro de Dacia, e de Cleomadis, o de Reinaldos de Montalvão, o dos quatro filhos d'Aymão, o de Flora e Brancaflor, o do gigante Morgante, e varios outros, de que se aproveitaram Boiardo, Ariosto, Pulci, e os mais poetas romancistas d'Italia pertencem a este cyclo.

O cyclo dos romances do Amadis começa por o daquelle nome, e pertencem-lhe todas as imitações que d'elle se fizeram; e das quaes a mais notavel é o Amadis de Grecia. Florismarte d'Hircania, Galaos, Florestam, as Sergas de Esplandiam, o D. Duardos, os Palmeirins d'Oliveira e d'Inglaterra, e muitissimos outros entram nesta divisão. É esta a especie de novellas de cavallaria propriamente hespanhola. A maior parte dellas foram compostas nos idiomas da Peninsula, e muitas nem daqui saíram. Desgraçadamente os continuadores e imitadores de Lobeira foram, por via de regra, faltos de talento, e cheios de mau gosto. Dahi veio a graciosa justiça que delles fez Cervantes por mãos do cura, no seu inimitavel D. Quixote.

A ultima classe de romances de cavallaria é aquella em que as personagens e successos da historia antiga, conhecidos imperfeitamente, davam largueza á imaginação dos novelheiros, que revestiam essas personagens dos costumes, crenças, e opiniões da idade-média, e afeiçoavam esses successos pelas instituições da cavallaria, enxerindo até os heroes da Grecia e de Roma, nas familias fabulosas dos Artus e Amadis. Pertencem a este cyclo os romances d'Alexandre, descendente d'elrei Artus, o d'Eneas, o da guerra de Troia [do qual, segundo parece, também existia uma traducção em aragonez na livraria de D. Duarte] e outros, com os titulos dos quaes escusado é encher papel (†). Em alguma destas cinco classes entram naturalmente todas as novellas de cuja existencia em Portugal, no principio

(\*) Herzog-Geschichte der deutschen Nat.-Litt. — p. 99 (Jen. 1831).

(::) Sismondi. De la liter. du Midi Tom. 1.º pag. 289.

(†) Os que sobre esta materia desejarem mais ampla instrução consultem as dissertações de Mr. Fauriel acerca da origem da Epopeia Cavalleirosa, no 8.º volume da *Revue des Deux-Mondes* (anno, se bem nos lembra, de 1832). A opinião de Mr. Fauriel, contraria á de Sismondi, põe o berço da maior e melhor parte das novellas de cavallaria na Provença; mas antes de abraçar essa opinião cumpre ler e pesar maduramente as reflexões de Sismondi, que o põe na Normandia, a pag. 273 e seg. do 1.º volume da sua *Historia Litteraria do Meio-dia da Europa*.

do seculo 15.º, temos noticia. O *Merlim* e o *Livro de Tristão* indicam, pelo seu simples titulo, serem, quando muito, versões dos dois romances do cyclo da Tavola-redonda, conhecidos por aquelles nomes. O livro de Galaaz com toda a probabilidade não era mais que a historia de Galaad, filho de Lancelote do Lago, pertencente ao mesmo cyclo. E finalmente o *livro d'Hannibal* seria uma traducção de algum dos numerosos romances do cyclo greco-romano.

Nem nos admiremos de que na livraria de elrei D. Duarte predominassem os romances da Tavola-redonda. Todos sabem que sua mãe, a rainha D. Philippa, era ingleza, e nada mais natural do que ella e as pessoas da sua nação, que com ella vieram a Portugal, fizessem conhecer essa classe de novellas, que, mais que nenhuma, lisongeavam o amor proprio dos inglezes.

De outras obras se faz menção no indice daquelle livraria, que vehementemente suspeitamos serem novellas de cavallaria; mas não passando esta opinião de mera suspeita, guardaremos sobre isso silencio.

Desde a epocha de D. Duarte até o principio do reinado de D. Manuel nenhum rasto temos encontrado deste genero de litteratura. Foi em 1496 que se publicou a *Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de Roma*, livro de que demos noticia a pag. 164 do 1.º volume deste jornal.

Esta *Historia de Vespasiano*, que examinámos por permissoão do nosso erudito collega o Sr. Vasco Pinto de Balsemão, e da qual o unico exemplar que existe pertence á Bibliotheca Publica da Côrte, não é senão uma novella de cavallaria, pertencente ao cyclo greco-romano. Ha ahi, na verdade, alguns factos historicos; mas os costumes, e as particularidades da narraçào não passam de meras ficções. Que a obra seja uma traducção, não nos parece duvidoso. Na subscripção della se diz que fôra ordenada por Jacob e Josep abaramatia, que a todas aquellas cousas foram presentes. Isto indica bastantemente a origem estrangeira do livro. Se, porém, nos lembrarmos de que José de Arimathea figura nos romances do Sancto-Greal, como tendo recebido o sangue de Christo nesse celebre vaso, é naturalissimo que o novelheiro, auctor da historia de Vespasiano, se lembrasse de lhe attribuir a propria composiçào, tanto mais que era quasi como lei entre os romancistas dar uma origem mysteriosa, ou ao menos remota, ao fructo das suas imaginações.

Acresce, para mais fundamentar a nossa opinião, que Mr. Fauriel menciona uma *historia-romance* da destruição de Jerusalem por Vespasiano, escripta em provençal, e que elle classifica como livro connexo com o cyclo das novellas do Sancto-Greal. Este romance, que, segundo nossa lembrança, existe manuscripto na Bibliotheca Nacional de Paris, é, com toda a probabilidade, o original da novella portugueza.

Eis o que temos podido alcançar acerca dos romances de cavallaria em Portugal, durante o seculo 15.º Outros mais habeis e mais felizes terão chegado a maior profundidade com as suas indagações. Trouxemos á praça, em proveito commum, a nossa pobreza. Não eramos a mais obrigados.

No artigo subsequente fallaremos dos romances de cavallaria portuguezes, no seculo 16.º

A. H.

Quem goza boa saude é sempre mogo: — quem não deve e tem o necessario é sempre rico.

Pensa muito antes que dê conselhos: — mas está sempre prompto para prestar serviços.